

Palavras da Salvação: A Catequese Jesuítica da Aldeia do Geru (1683)

Ane Luíse Silva Mecenas Santos (FJAV)

Resumo: A conquista da América lusitana não se fez somente com armas de fogo, mas também por meio das palavras e do ensino. No século XVII a ação jesuítica intensificou-se no litoral da colônia lusitana do Novo Mundo. Paulatinamente, as aldeias indígenas foram transformadas em missões, nas quais a cultura e saberes locais foram sucumbindo diante da imposição da tradição cristã européia. A ação catequética jesuítica nas terras situadas ao norte da capitania da Bahia resultou na produção de textos a respeito da língua e dos costumes dos povos que viviam às margens norte do Rio Real. Com isso, foram produzidos o Catecismo e a Gramática da Língua Kiriri, pelo inaciano Luiz Mamiani. Trata-se de escritos de fundamental importância para a compreensão da mentalidade dos jesuítas no período colonial e de suas ações na constituição de uma nova cristandade. Partindo da relevância de tais registros para a História da Educação no período colonial, este trabalho tem o propósito de apontar alguns sinais da catequese e do método utilizado por Mamiani. O catecismo foi encomendado pela Ordem, e só foi concluído vinte e cinco anos depois, elaborado graças, de acordo com o autor, aos seus doze anos de observação do comportamento. A mentalidade jesuítica emerge nas linhas da gramática e do catecismo, vislumbrando ao mesmo tempo a doutrina cristã e as normativas da língua kiriri. A pesquisa desenvolveu-se a partir da análise desses dois textos, que podem ser vistos como exemplares da ação catequética jesuítica nas capitanias do norte da colônia. Elementos como o medo passam a ser então o elo necessário para promover a aproximação do índio com os jesuítas. Os padres defendiam a idéia de que deviam preparar a alma dos nativos para que esses pudessem receber a fé cristã. A preparação era feita incutindo a necessidade do índio consentir a catequese como forma de manter sua segurança. A dialética conquistador-conquistado eclode nas entrelinhas dos textos. Além disso, a escrita de Mamiani também reflete a influência da retórica barroca, com imagens dissimuladas, cenários que mesclavam o vivido entre dois mundos distintos. Para Mamiani a língua é embaraçada nas frases, havendo divergências entre os próprios jesuítas quanto a sua escrita. Na escrita dos jesuítas da aldeia sergipana do Geru, a Europa cristã defronta-se com a América portuguesa indígena. Dois mundos aparentemente distantes se entrecruzam nas prédicas dos inacianos. Palavras-chave: catequese, conquista, educação jesuítica, Sergipe.

O catecismo foi encomendado pela Ordem, e só foi concluído vinte e cinco anos depois, elaborado graças, de acordo com o autor, aos seus doze anos de observação do comportamento, dos hábitos, dos costumes e da pronúncia das palavras, evidenciando a importância da observação. Uma observação que não era apenas para entender e falar, mas para chegar à raiz da língua. Isso nos mostra que o estudo das populações era constante, e cada gesto, cada palavra e, principalmente, a forma como era pronunciada era então anotada. Essa observação também passava por outro processo, o da comparação. Mamiani relata que na observação procurava fazer a relação com a sua sociedade, com o que lhe era familiar.

Na obra Mamiani salienta os empecilhos encontrados no processo de elaboração do material. De acordo com o autor, a língua kiriri tem muitas especificidades e, por conta disso, os missionários tinham dificuldades tanto na pronúncia como na escrita, mesmo já tendo seus próprios apontamentos. O superior da aldeia do Geru mesmo identificando que seu catecismo não era uma obra perfeita, destaca a sua importância, sendo imprescindível a sua publicação, ou como ele mesmo diz “o remédio das almas dos índios”¹. Contudo mesmo identificando as limitações impostas pela dificuldade com a nova língua, o autor mostra ao leitor que fez tudo que lhe era “possível” para acertar, que a publicação se encontra permeada pelos doze anos de experiência, e que desde o primeiro ano vinha anotando, reparando e perguntando com a finalidade de não apenas entender, mas conhecer a raiz da língua. Outro elemento por ele indicado é que fez um estudo comparativo entre as outras aldeias, como também com outros religiosos da Companhia. E quando parecia ter terminado, o autor conferiu cada sentença do catecismo com os índios que conheciam tanto a língua kiriri como a do colonizador. Constatamos dessa forma, que o inaciano desnuda ao seu leitor o seu método de análise. Mostra os passos da sua pesquisa pelo universo da língua kiriri. Um projeto possível graças aos estudos anteriores, a observação, a comparação e a repetição. Não se trata também de um aprendizado alcançado sozinho, teve o auxílio dos seus pares, como também do próprio gentio. Podemos salientar o que há algum tempo identificamos na historiografia a certa do processo de catequese, que não constitui (como se pensava há alguns anos) num processo de aprendizagem de mão única.

A catequese seria essa via de mão dupla entre indivíduo e grupo perante a transformação de cada um, pautada na forma específica de se apropriar dos dogmas apreendidos. Com isso, concluímos que não havia uma forma de conversão, nem um modelo único, pois esse modelo era resignificado, apropriado por cada indivíduo da aldeia de forma impar. É uma troca, e dessa troca, as duas culturas se unem e se separam. Antes de iniciar a oração o padre apresenta advertências quanto ao uso da língua “vulgar”.

Os empecilhos nessa árdua tarefa são apresentados no início da obra que se encontra dividida em três partes. Na primeira são apresentadas as orações e os princípios de fé. A segunda é composta pelos mistérios da fé, os mandamentos, os sacramentos e o que todo o Cristão é obrigado a saber. Por fim, na terceira parte, identificamos algumas instruções que devem servir aos padres.

Não é possível apresentar a recepção dessa obra perante a comunidade jesuítica ou se extrapolou os limites da ordem. Possuímos apenas indícios que constam no próprio catecismo, são as licenças e ordem que autorizam a publicação do material. É assinada por três padres. O primeiro é o padre Antônio de Barros, que no dia 2 de maio de 1697, na aldeia de Santa Tharefa, relata que não há nenhum problema, apenas observa a contribuição trazendo luz para “salvação das almas”, pois “poderão agora ser melhor doutrinadas nos mistérios da nossa Santa Fé”².

O padre João Matheus Fallesto, na missão de Nossa Senhora do Socorro, no dia 27 de maio de 1697, relata que a obra facilitará a comunicação entre os missionários e os índios,

como também será útil na instrução e na salvação dos gentios. Destaca a língua local, o kiriri, como sendo de pronúncia bárbara, mostrando que é digno imprimir para os bons costumes da Ordem. O último a autorizar a publicação é o padre Alexandre de Gusmão, do colégio Jesuítico da Bahia. Sua autorização é lavrada no dia 27 de junho de 1697. Além dessas três autorizações, existem outras três lavradas em Lisboa, pelo Santo Ofício, pelo Ordinário e pelo Paço.

Já na gramática o padre Mamiani, de forma exaustiva, descreve cada pronome, como devem ser organizadas as frases além da pronúncia de cada fonema. O discurso de conversão encontra-se, na gramática, diluído nas formas práticas de como pronunciar e compreender as palavras. Percebemos que uma obra completa a outra, são frutos da observação simultânea. Primeiro identificando os fonemas da língua kiriri, procurando as semelhanças e o seu correlato na língua portuguesa. Em seguida se estabelece a constituição da gramática. E sabendo as formas de utilização das palavras o padre Mamiani consegue romper a longa barreira que os separava, os jesuítas e os índios kiriri. Não apenas na figura de um europeu, permeado pela cultura barroca e tridentina diante de índio com práticas culturais totalmente diferentes. Isso vem sendo a longos anos discutidos pela historiografia. Mas ele consegue nesse espaço de intercessão, construir um limiar entre as duas culturas e materializar uma língua falada em um código escrito. Criando assim, mais do que um veículo de difusão dos dogmas cristãos, mas o palco da confluência de saberes e práticas.

Falar a língua do indígena era de suma importância para poder, não só apresentar os dogmas Cristãos, como também para que o padre conseguisse entender a confissão dos pecados. Esse é um dos pontos que Mamiani ressalta mais uma vez a importância da sua obra: auxiliar principalmente os novos padres no contato com o nativo, e dentre as diversas contribuições que o conhecimento da língua poderia proporcionar aos jesuítas ele destaca, que a falta desse material dificultaria o acesso dos gentios aos “mistérios e cousas necessarias a hum Cristão”, bem como se redimir dos seus pecados. Ato necessário para o bom cristão, e estabelecido tanto no Concílio de Trento, como nas Constituições Primeiras do Arcebispo da Bahia e também presente no mencionado catecismo. No Título XXXIV, das Constituições, intitulado da Contrição, confissão, e satisfação, que se requer para o sacramento da penitencia e dos efeitos que elle causa, são estabelecidas três regras básicas que o penitente é obrigado a cumprir para alcançar a perfeita purificação dos pecados, são eles: a contrição, a confissão e por fim a satisfação da culpa pelo Confessor.

A segunda cousa, que deve fazer o penitente é a Confissão vocal, e inteira de todos os seus peccados com a circunstancias necessarias: e para que esta sua Confissão seja inteira, e verídica, deve tomar tempo bastante para examinar com diligencia, e cuidado a consciencia antes da Confissão, discorrendo pelos Mandamentos da lei de Deos, e da Santa Madre Igreja, e pelas obrigações de seu estado, vícios, companhias, tratos, e inclinações, que tem; vendo como peccou por pensamentos, palavras, e obras, e fazendo quanto puder por distinguir, e averiguar as espécies, e numero dos peccados. O qual exame feito, procurarão Confessor, a quem hão de dizer todos os seus peccados, e os mais que depois do exame lhe lembrarem. E requeremos a todos os nossos súbditos da parte de deos nosso Senhor, que não deixem de confessar peccado algum por pejo, e vergonha, ou temos dos Confessores, ainda que o peccado seja o mais grave, e enorme, que se póde considerar, porque são muitas as almas, que por este principio se condemnão.³

Nessa passagem das Constituições constatamos as necessidades e a importância dada à confissão. A necessidade da consciência do ato e o arrependimento são características necessárias para a “purificação dos pecados”. No entanto, a confissão para o branco, normalmente europeu era algo simples de se fazer, levando em consideração as normas estabelecidas tanto no Concílio como nas Constituições, mas o seria confessar índios que

viviam nas aldeias jesuíticas e que falam uma língua totalmente diferente das conhecidas pelo colonizador? Ou ministra os sacramentos a alguém que não sabia afirma na conversão?

Mesmo não sabendo como eram as aulas de catequese desse período, temos um indicio apresentado por Mamiani. O mencionado jesuíta explica que o catecismo por ele produzido se encontra estruturado em forma de diálogo por ser o modo o mais usado e fácil para ensinar a Doutrina Cristã. Esse indício, até muito mais do que um indício, nos mostra que além da repetição o diálogo facilitava o aprendizado. E dessa forma, as aulas de catequese, usam de um recurso muito parecido como o teatro, como já era de costume desde a chegada dos primeiros jesuítas.

No seu discurso Mamiani também faz algumas ressalvas quanto a aprendizagem por parte dos gentios. Diz que não há necessidade que os índios saibam repetir todas as respostas, pois para ele, “os seus alunos” não são capazes disso. Entretanto, há uma lição que deve sim ser constantemente repetida e os índios devem conhecê-las as Orações. Prática que deveria ser feita indispensavelmente nos domingos e dias santos em geral. Dentre as orações presentes no catecismo podemos identificar a oração do final da Santa Cruz, o Padre Nosso, a Ave Maria, a Salve Rainha e o Credo. Percebemos que é apenas ensinar a oração, mas, sobretudo explicar a importância do ato para quem o pratica. Nos diálogos encontramos a seguinte pergunta “Como havemos de rezar” e a resposta “Há muitos modos, mas sobre tudo He bom rezar o Padre nosso, porque Jesu Christo ensinou esta oração aos seus disciplulos. He bom também ki rezar a Ave Maria, ou a salve Rainha, pois assim nos ensinou a rezar a santa Igreja; para q a May de Deos interceda por nós para o seu Divino Filho”⁴. No Concilio de Trento o Culto a Virgem Mãe de Deus foi bastante divulgado, sendo que a sua imagem se encontra presente em quase todos os templos.

Com a efetiva organização das missões, os grupos indígenas deixaram, muitas vezes, suas antigas tribos para se fixarem em aldeias, locais esses que incorporavam tribos diversas e as fixavam no mesmo espaço alterando as relações culturais, as crenças, a forma de adquirir alimento. Esse impacto entre duas culturas completamente incompatíveis resultou numa mescla de valores, ou seria melhor dizer, na extinção dos antigos conceitos. Os trabalhos pautados no encontro dos dois mundos abordam o etnocentrismo europeu, as alterações na cultura indígena e, ainda, a formação dos espaços coloniais.

Convém ressaltar que, no período em que a aldeia do Geru passou para a tutela dos jesuítas, Manuel da Nóbrega já havia questionado o projeto inicial de catequese através das suas obras já mencionadas. É possível que a atuação jesuítica na Capitania de Sergipe tenha sido elaborada de acordo com esta nova perspectiva acerca da forma de inculcar na população indígena a necessidade de viver sob a “proteção” dos irmãos de Jesus, com base na propagação do medo. Como essa ordem tinha sua base pautada principalmente na obediência, deveria existir também certa regularidade no modo de organizar e pensar as missões.

É nesse palco, nesse espaço do teatro, em que as peças antes descritas são encenadas, é o momento em que há a interação entre os dois discursos. Buscamos possibilitar rever, a partir da sua atuação dinâmica, que muda em cada localidade e também sofre mudanças ao longo do tempo e do contexto em que se encontra inserida. Nesse local os diversos pensamentos se encontram, encaixam-se e se ressignificam. Na aldeia do Geru, em 1700, cem famílias, quatrocentas pessoas, da nação Kiriri conviveram com pensamentos, hábitos e costumes do Velho Continente. Escutam nas missas os cânticos de fé, são transmitidos os ensinamentos catequéticos, as formas de proceder, aprendem quais as virtudes de um homem de bem, sentem o cheiro do incenso e convivem com um templo barroco, impregnado de alegorias de uma cultura que já não é mais totalmente a do outro, nem muito menos a sua, mas cria-se um ponto de intersecção. A circularidade então pode, acontecer.

Referências:

Fontes impressas:

Código Pedagógico dos Jesuítas. Ratio Studiorum da Companhia de Jesus [1599] Regime escolar e curriculum de Estudos. Lisboa: Esfera do Caos, 2009.

MAMIANI, Luiz Vincêncio. *Arte de Grammatica da Lingua Brasilica da naçam Kiriri*. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1877.[1699]

_____. *Catecismo da Doutrina Christã na Lingua Brasilica da Nação Kiriri*. Lisboa. Edição fac-similar. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1942 [1698].

NANTES, Bernardo de. *Catecismo da Lingua Kariris, acrescentado de várias praticas doutrinaes e Moraes, adaptadas ao gentio e capacidade dos Indios do Brasil*. Edição fac-similar. Leipzig, 1896. [1709]

VIDE, Sebastião Monteiro da. *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia / feitas e ordenadas pelo ilustríssimo e reverendíssimo D. Sebastião Monteiro da Vide*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2007.

Referências Bibliográficas:

AGNOLIN, Adone. *Jesuítas e Selvagens*. A negociação da fé no encontro catequético-ritual americano-tupi (sec. XVI-XVII). São Paulo: Humanitas Editorial, 2007.

_____. *O apetite da antropologia*. O sabor antropofágico do saber antropológico: alteridade e identidade no caso tupinambá. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

_____. Catequese e tradução: Gramática cultural, na religiosa e lingüística do encontro catequético e ritual nos séculos XVI-XVII. In: MONTEIRO, Paula (org.) *Deus na aldeia: missionários, índios e mediação cultural*. São Paulo: Globo, 2006. p. 143-207.

ALMEIDA, Maria Celestino de. *Os índios na História do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

BURKE, Peter. Culturas da tradição nos primórdios da Europa Moderna. In: BURKE, Peter e HSIA, R. Po-chia (Orgs). *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. Trad. Roger Maioli dos Santos. São Paulo: Editora da UNESP, 2009. p.13-45.

_____. *A fabricação do Rei: a constituição da imagem pública de Luís XIV*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994 [1992].

_____. *Testemunha ocular: história e imagem*. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004 [2001].

CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. *Operários de uma vinha estéril*. Tradução de Ilka Stern Cohen. Bauru: EDUSC, 2006 [2000].

CASTRO, Eduardo Viveiros de. *A inconstância da alma selvagem. E outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

DANTAS, Beatriz Góis. *Missão Indígena no Geru*. Aracaju: UFS, 1973.

DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente 1300-1800*. Uma cidade sitiada. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. [1978]

_____. *A Confissão e o Perdão*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

EISENBERG, José. *As missões jesuítas e o pensamento político moderno: encontros culturais, aventuras teóricas*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: essência das religiões*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001 [1959].

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Santa Inquisição*. Tradução de Maria Betânia Amorosa. São Paulo: Companhia das Letras, 1987[1976].

GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. Tradução Rose Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *A colonização do imaginário: sociedade indígena e ocidentalização no México espanhol*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GUILLERMOU, Alain. *Os jesuítas*. Tradução de Fernando Melo. Lisboa: Europa-América, 1977.

LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tomo I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Lisboa: Livraria Portugal. 1938.

_____. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tomo V. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1945.

_____. *Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil (1549-1760)*. Lisboa: Edições Brotéria; Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1953.

MARIANI, Bethania. *Colonização lingüística. Línguas, política e religião no Brasil (século XVI a XVIII) e nos Estados Unidos da América (século XVIII)*. Campinas, SP: Pontes, 2004.

MOTT, Luiz. *Sergipe Colonial e Imperial*. Religião, família, escravidão e sociedade. Aracaju: Editora UFS, 2008.

NEVES, Luiz Felipe Baêta. *O combate dos soldados de Cristo na terra dos papagaios: colonialismo e repressão cultural*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1978.

NUNES, José Horta. *Dicionários no Brasil: análise e História do século XVI ao XIX*. Campinas: Pontes, 2006

NUNES, Maria Thetis. *Sergipe Colonial II*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

POMPA, Cristina. *Religião como tradução: missionários, Tupi e "Tapuia" no Brasil colonial*. Bauru: EDUSC, 2003.

QUEVEDO, Júlio. *Guerreiros e jesuítas na utopia do Prata*. Bauru: EDUSC, 2000.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

SOUZA, Laura de Mello. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

THEODORO, Janice. *América barroca: temas e variações*. São Paulo: Edusp; Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

VAINFAS, Ronaldo. *A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Economia e Sociedade na América Espanhola*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

¹ MAMIANI, Luiz Vincêncio. *Catecismo da Doutrina Christã na Lingua Brasilica da Nação Kiriri*. Lisboa. (Edição fac-similar), Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Mamiani, Luiz Vincencio. 1942 [1698].s/n.

² Idem.

³ VIDE, Sebastião Monteiro da. *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia / feitas e ordenadas pelo ilustríssimo e reverendíssimo D. Sebastião Monteiro da Vide*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2007. p.57

⁴ MAMIANI, Luiz Vincêncio. *Catecismo da Doutrina Christã na Lingua Brasilica da Nação Kiriri*. Lisboa. (Edição fac-similar), Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Mamiani, Luiz Vincencio. 1942 [1698].s/n.